A EMBRIAGUEZ POÉTICA: ECOS BÁQUICOS E A CELEBRAÇÃO DO PRAZER EM *CARMINA BURANA*

Giovanna Isadora Ferreira Cicero (PIBIC/CNPq/UEM), Jaime Estevão dos Reis (Orientador). E-mail: jereis@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Maringá, PR.

História/ História Antiga e Medieval.

Palavras-chave: Goliardos; Imaginário Medieval; Literatura.

RESUMO

Baco, divindade da mitologia romana, é frequentemente mencionado em *Carmina Burana* (c. 1230), uma antologia latina de canções produzidas por clérigos vagantes do medievo, tradicionalmente conhecidos como goliardos. A partir da ressignificação dessa referência clássica no imaginário desses clérigos, a presente pesquisa se propôs a investigar o simbolismo do vinho e a representação de Baco nas canções tabernárias encontradas no manuscrito, com foco na construção de uma embriaguez poética e em seus diálogos com a celebração do prazer, a sociabilidade e as tensões entre prazer e moralidade. A metodologia consistiu na análise qualitativa dessas composições em diálogo com o contexto de formação intelectual dos goliardos. Os resultados demonstram que Baco foi ressignificado como patrono da embriaguez, da sociabilidade e do prazer, constituindo um recurso poético por meio do qual os goliardos reelaboraram referências pagãs e cristãs em um mesmo universo simbólico. Conclui-se que a embriaguez poética não expressa a sobrevivência de um culto báquico, mas uma construção literária que transforma o vinho em símbolo da experiência tabernária e da suspensão provisória das normas morais, fazendo da taberna o principal espaço de elaboração desse imaginário báquico.

INTRODUÇÃO

Os *clerici vagi*, ou goliardos, foram um tipo de clérigo que se diferenciava pela prática daquilo que Jacques Le Goff (2006) denominou “vagabundagem intelectual”, caracterizada pelo deslocamento constante de estudantes em busca de mestres que estivessem em evidência. Esses clérigos são conhecidos especialmente pelo conteúdo de suas canções, que abordam temas como o amor, o vinho e o jogo, ao mesmo tempo em que apresentam sátiras e críticas à hierarquia eclesiástica. Nos *Carmina Burana* (c. 1230), antologia goliárdica que comporta composições do século XI ao XIII, é possível notar o domínio desses clérigos sobre a Sagrada Escritura e os autores clássicos, repertório comum ao ensino medieval. Não por acaso, Baco é referenciado diversas vezes ao longo do manuscrito, aparecendo associado ao

vinho, à embriaguez e aos prazeres celebrados nas canções tabernárias. Por isso, dedicamo-nos a compreender sua presença nessas composições. A pesquisa propôs-se a investigar a representação de Baco e o simbolismo do vinho nas composições, analisando também a maneira como essa imagem dialoga com as festividades, a embriaguez e a tensão entre prazer e moralidade no imaginário medieval.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi utilizado o *Codex latinus monacensis 4660*, popularmente conhecido como *Carmina Burana* (c. 1230). Em latim, *Carmina Burana* significa "canções de Beuern", em referência à abadia beneditina de Benediktbeuern, na Baviera, onde o códice foi encontrado em 1803, durante o processo de secularização, sendo posteriormente transferido para seu atual local de conservação, a Biblioteca do Estado da Baviera, em Munique (Hamel, 2018). O conjunto é dividido em três grandes grupos temáticos: o primeiro reúne canções de caráter moralístico e satírico; o segundo é dedicado ao amor; e o terceiro concentra composições sobre o vinho e o jogo, constituindo o conjunto tabernário. É deste último grupo que foram selecionadas as canções analisadas: *Estuans intrinsecus* (CB 191); *In cratere meo* (CB 194); *Si quis Deciorum* (CB 195); *In taberna* (CB 196); *Dum domus lapidea* (CB 197); *Puri Bacchi meritum* (CB 199); *Bacche, bene venies* (CB 200); *Tu das, Bacche, loqui* (CB 201); *O potores exquisiti* (CB 202); *Urbs salve regia* (CB 204); *Hospes laudatur* (CB 205) e *Lugeamus omnes in Decio* (CB 215).

A análise das fontes foi conduzida pelo método qualitativo, considerando as especificidades da tipologia literária. Para isso, recorremos às reflexões de Sandra Jatahy Pesavento (2006), que compreende a literatura como uma possibilidade de acesso às sensibilidades, aos valores e às representações de determinada sociedade. A interpretação também dialogou com a historiografia sobre a Antiguidade e sua permanência no medievo, especialmente com os estudos de José Antonio Dabdab Trabulsi (2004) acerca do dionisismo, de suas permanências e transformações ao longo do tempo. Para a definição e contextualização dos goliardos, recorremos ainda a estudos como *Os intelectuais na Idade Média*, de Jacques Le Goff (2006).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar a presença de Baco nas canções buranas em articulação com o contexto dos goliardos, defendemos que o principal responsável por essa permanência é o próprio ensino medieval, haja vista que a base das Sete Artes Liberais era constituída, em grande parte, por autores clássicos. Entre os autores estudados, estava Ovídio, cujas obras *Heroides* e *Ars Amatoria* apareciam com frequência nas bibliotecas monásticas (Hamel, 2018, p. 453-454) e colocavam esses letrados em contato com personagens e divindades da mitologia clássica, entre elas Baco e Vênus, figuras recorrentes nos *Carmina Burana*. Essa permanência também pode ser observada nas festividades medievais, que preservaram e reelaboraram

elementos dionisíacos, como a alegria e a inversão (Trabulsi, 2004, p. 174), elementos presentes nos *Carmina Burana*. O vinho estava presente tanto nas festas quanto nas tabernas, locais frequentados e exaltados pelos goliardos em suas canções. Essa bebida era fundamental para a sociedade medieval que a consumia diariamente, mas carregava ambiguidades. Era considerada sagrada quando transubstanciada em sangue de Cristo na Eucaristia, mas assumia uma dimensão profana quando consumida em excesso, pois a embriaguez era compreendida como uma porta para outros pecados. Os goliardos, por sua vez, prezavam pelo excesso, o que contrastava diretamente com o ideal moral fundamentado na moderação dos apetites e no controle do corpo que permeou a Idade Média.

Baco, por sua vez, é louvado no manuscrito como se fosse o Deus cristão em algumas canções, transformando-o no patrono da embriaguez. Também lhe são atribuídos atributos extraordinários, semelhantes ao repertório de milagres difundidos pelos Evangelhos, como conceder a fala ao mudo, devolver a visão aos cegos ou fazer os coxos voltarem a caminhar. Baco também é apresentado como o responsável direto pelos efeitos do vinho sobre os homens, intervindo tanto em seus corpos quanto em seus comportamentos. Por vezes, também é mobilizado como sinônimo do vinho. O mito, segundo Hilário Franco Júnior (1992), constitui uma forma de interpretação do mundo, por meio da qual uma dada sociedade projeta suas inquietações fundamentais, sejam elas de ordem espiritual ou material, conferindo-lhes sentido dentro de sua própria lógica cultural. Isso também pode ser observado entre os goliardos. Embora vivessem em uma sociedade hegemonicamente marcada pelo cristianismo, mobilizavam Baco como uma forma de se expressarem poeticamente, em especial para descrever o sentimento presente nas bebedeiras nas tabernas. Portanto, os goliardos não cultuavam Baco, mas o ressignificaram em suas canções, internalizando-o em seu imaginário como uma ferramenta retórica para expressar seus desejos e inquietações.

CONCLUSÕES

Ao longo da investigação, verificou-se que a construção de uma embriaguez poética e a permanência de ecos báquicos estão relacionadas à formação intelectual dos goliardos e ao imaginário medieval, no qual referências cristãs e clássicas podiam coexistir e adquirir novos sentidos. Nesse contexto, o vinho ocupava uma posição ambígua, associado tanto ao sagrado quanto ao profano, e tornou-se elemento central da experiência tabernária. Nas canções, Baco é ressignificado como figura associada ao vinho, à embriaguez, ao prazer e à sociabilidade, sem que sua presença represente a sobrevivência de um culto normativo. O simbolismo do vinho, portanto, ultrapassa a própria bebida e incorpora as tensões entre sagrado e profano, disciplina e excesso, ascetismo e celebração do prazer. A embriaguez poética constitui, assim, uma construção literária que transforma o vinho em expressão da experiência tabernária e da suspensão provisória das normas morais, fazendo da taberna o principal espaço de manifestação desse imaginário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Dr. Jaime Estevão dos Reis, pela confiança e por acreditar no meu potencial desde o início desta pesquisa. Agradeço também ao CNPq pelo financiamento, que possibilitou minha dedicação ao desenvolvimento deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CARMINA BURANA. Manuscrito original. [*S.l.*: *s.n.*], [13--]. Disponível em: https://hdl.loc.gov/loc.wdl/wdl.14698. Acesso em: 03 set. 2024.

FRANCO JÚNIOR, H. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HAMEL, C. de. Carmina Burana. In: HAMEL, C. de. **Manuscritos notáveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. Cap. 8, p. 408-468.

LE GOFF, J. **Os intelectuais na Idade Média**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

PESAVENTO, S. J. História & literatura: uma velha-nova história. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, [*s. l.*], Debates, 28 jan. 2006. Disponível em: https://journals.openedition.org/nuevomundo/1560. Acesso em: 15 ago. 2026.

TRABULSI, J. A. D. Permanências e releituras da antiguidade: o problema geral e o caso do dionisismo, da Antiguidade ao Renascimento. **PHOÎNIX**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 166-194, 2004. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/article/view/33350/18755. Acesso em: 12 dez. 2025.